

# “SEJA BEM-VINDO À CASA DAS DOIDAS, DOUTOR”: UMA RESENHA DE *PRISIONEIRAS* (2017)

Lucas Matheus Araújo Bicalho<sup>1</sup>  
Ana Paula Oliveira Lopes<sup>2</sup>

## RESUMO

A presente resenha tem por objetivo apresentar a obra reportagem *Prisioneiras*, escrita por Drauzio Varella, que retrata sua experiência como voluntário por mais de uma década na Penitenciária Feminina de São Paulo. Varella atuou como médico e ouvinte de mais de duas mil detentas, compartilhando suas vivências e observações sobre a vida dessas mulheres encarceradas. A obra evidencia as precárias condições de vida, as complexas relações interpessoais e os inúmeros obstáculos que elas enfrentam no sistema prisional. Com uma abordagem sensível e empática, Varella humaniza suas histórias, revelando as realidades muitas vezes ignoradas pela sociedade.

**Palavras-chave:** Abandono. Mulheres. Penitenciária Feminina.

“BIENVENIDO A LA CASA DE LOS LOCOS, DOCTOR”: UNA CRÍTICA DE  
*PRISIONERAS* (2017)

## RESUMEN

El objetivo de esta reseña es presentar el informe *Prisioneiras*, escrito por Drauzio Varella, que retrata su experiencia como voluntario durante más de una década en la Penitenciaría Femenina de São Paulo. Varella trabajó como médico y oyente de

<sup>1</sup>Mestrando em História pelo Programa de Pós-graduação em História (PPGH) da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). Graduado em História - Licenciatura pela mesma instituição. Membro do Grupo de Estudos em História do Esporte e da Educação Física (GEHEF), vinculado ao Departamento de Educação Física e do Desporto (DEFD) e ao PPGH. Também é membro do Centro de Memória do Esporte (CEMESP), também associado à Unimontes. E-mail: bicalholucas7@gmail.com.

<sup>2</sup>Nutricionista formada pela Funorte, com 9 anos de experiência nas áreas de saúde e assistência social. Possui pós-graduação em Fitoterapia e Plantas Medicinais e estou cursando Educação Física pela Prominas. Além disso, sou professora no IFMNG, graduada em Licenciatura em História e mestranda História (Unimontes) com ênfase em Poder, Trabalho e Identidade.



más de dos mil reclusas, compartiendo sus experiencias y observaciones sobre la vida de estas mujeres encarceladas. El libro destaca las precarias condiciones de vida, las complejas relaciones interpersonales y los innumerables obstáculos a los que se enfrentan en el sistema penitenciario. Con un enfoque sensible y empático, Varella humaniza sus historias, revelando realidades a menudo ignoradas por la sociedad.

**Palabras clave:** Abandono. Mujeres. Centro Penitenciario de Mujeres.

### Obra

VARELLA, Drauzio. **Prisioneiras**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

Nascido na cidade de São Paulo em 1943, Drauzio Varella é um médico oncologista, escritor e, sobretudo, um cientista de destaque. Formado pela Universidade de São Paulo (USP), ele construiu uma carreira voltada tanto para o combate ao câncer quanto para a melhoria das condições da saúde pública no Brasil. Ao longo de sua trajetória, Drauzio se destacou não apenas como médico, mas também como educador, comprometido em tornar o conhecimento sobre saúde acessível a toda a população brasileira.

O médico ganhou grande notoriedade ao aparecer regularmente no programa *Fantástico*, onde abordava temas importantes relacionados à saúde pública, com especial destaque para questões do sistema carcerário brasileiro, experiência que marcou sua trajetória. No presídio do Carandiru, em São Paulo, Varella desenvolveu um projeto pioneiro de combate à AIDS, um marco em sua carreira. Foi dessa vivência que surgiu o livro *Estação Carandiru*, uma obra de grande impacto que mais tarde foi adaptada para o cinema.

Drauzio Varella é mais do que um renomado médico, conhecido por suas reportagens em jornais da Rede Globo e em outras emissoras, sites e plataformas digitais; ele se destaca como uma voz de empatia, humanismo com décadas de dedicação à saúde pública no Brasil. Além de sua atuação como oncologista, Varella é reconhecido por divulgar trabalhos científicos de maneira acessível. Ele transcende o consultório, tornando-se uma ponte entre a ciência e a população,



abordando questões de saúde que frequentemente afetam os mais marginalizados e esquecidos pela sociedade.

Autor de diversas obras, fruto de sua vasta experiência como médico, Drauzio Varella aborda de maneira impactante questões cruciais sobre saúde pública e o sistema carcerário brasileiro. Ele escreveu uma trilogia que, com sensibilidade e precisão, revela o funcionamento desse sistema a partir de diferentes perspectivas. Nas três obras, Varella explora a realidade dos presos, dos carcereiros e das prisioneiras, oferecendo uma visão ampla e humana das complexidades que permeiam o ambiente prisional no Brasil.

Em *Estação Carandiru* (1999), resultado de seu incansável trabalho no combate à AIDS, Drauzio Varella revela a dura realidade do sistema prisional brasileiro, destacando a precariedade e as diversas formas de violência que marcam o cotidiano dos detentos. A obra tornou Varella uma figura proeminente e uma importante voz crítica das condições carcerárias no Brasil, expondo, de forma direta e sensível, às falhas e injustiças de um sistema sobrecarregado e negligenciado.

Em *Carcereiros* (2012), Varella se posiciona como um canal para transmitir a voz dos profissionais que atuam nos sistemas prisionais. Ele expõe o cotidiano dos carcereiros e os desafios que enfrentam ao lidar com a dura realidade do sistema prisional brasileiro, complementando a narrativa já abordada em *Estação Carandiru*. A obra oferece uma visão mais humanizada desses trabalhadores, frequentemente invisibilizados, e lança luz sobre a complexidade de suas funções em um ambiente marcado pela superlotação e pela violência.

Por último, Drauzio Varella publicou *Prisioneiras* (2017), uma obra na qual ele mergulha no universo das mulheres encarceradas, muitas vezes afetadas por circunstâncias relacionadas a seus parceiros. Neste livro, Varella explora as histórias dessas mulheres, revelando suas dores, sofrimentos, relações familiares destruídas e as precárias condições em que vivem. Assim, as três obras — *Estação Carandiru*, *Carcereiros* e *Prisioneiras* — formam uma narrativa poderosa e intensa que não só expõe as falhas do sistema prisional brasileiro, mas também ilumina a desigualdade social e o descaso com a saúde pública.

Sua narrativa poética e compassiva mergulha nas profundezas do sofrimento dessas mulheres, destacando sua humanidade e as difíceis condições que enfrentam. A abordagem de Varella confere à obra uma riqueza emocional e um impacto profundo, transformando a dura realidade em um testemunho comovente e revelador das injustiças e desafios vividos por essas mulheres.

A obra *Prisioneiras* expõe uma realidade nua, crua e dolorosa sobre o cotidiano das mulheres encarceradas, uma realidade que muitas vezes é ignorada e/ou esquecida pela sociedade brasileira. Drauzio Varella, com uma sensibilidade e cuidado, narra essas histórias de maneira que transcende julgamentos morais e éticos. Sua escrita poética e envolvente mergulha nas profundezas do sofrimento dessas mulheres, destacando os múltiplos desafios que enfrentam. A forma como Varella escreve proporciona uma conexão íntima e tocante, permitindo que o leitor sinta e compreenda verdadeiramente as vidas e as experiências retratadas no livro.

O livro é dividido em três partes. Na primeira, “A vida antes da prisão”, o médico apresenta o percurso de vida das presidiárias, retratando seus antecedentes e os elementos sociais e econômicos que, de certa forma, contribuíram para que a maioria delas se envolvesse com a criminalidade. Na segunda parte, “A vida dentro dos muros”, o foco está nas condições de superlotação, no comportamento das detentas e nos diversos conflitos e alianças que surgem. O autor explora os relacionamentos amorosos, que muitas vezes são formas de sobrevivência, além dos impactos psicológicos do encarceramento e do abandono. Também são abordados temas como saúde, a relação com os filhos – quando existe – a constante violência, tanto física quanto emocional, dentro e fora do sistema prisional. Por fim, na terceira parte, “A vida após a prisão”, Drauzio Varella discute a difícil reintegração das mulheres à sociedade após o cumprimento de suas penas. Ele destaca a escassez de oportunidades, os estigmas sociais e a ausência de políticas eficazes de reinserção, evidenciando os desafios que essas mulheres enfrentam ao tentar reconstruir suas vidas.

Na primeira página da obra, Drauzio Varella inicia com a frase: “- Seja bem-vindo à casa das doidas, doutor” (Varella, 2017, p. 11). Essa recepção inesperada feita por um funcionário, ao abrir o portão, antecipa a jornada que levará

o leitor por uma caminhada profundamente impactante. É assim que Varella estabelece um tom que prepara o leitor para explorar as complexidades e desafios das mulheres encarceradas.

Quando Michel Foucault (2008), em sua obra *História da Loucura na Idade Clássica*, se opõe à produção de um novo conceito para o termo “loucura”, ele enfatiza que o que realmente importa é a compreensão do que se considera “o louco”. Para o filósofo, as diversas sensibilidades em relação à loucura podem levar a uma condição de exclusão. Assim, com base em suas análises das tecnologias de exclusão ligadas à loucura, o francês concentra-se em um ponto crucial: a forma da loucura é definida pela maneira como a sociedade experimenta e vivencia essa relação com a loucura, isto é, indivíduo que se distancia dos padrões morais aceito por determinado corpo social. Desse modo, Foucault não defende a ideia de que existe uma característica intrínseca que define a pessoa como “louca”, mas sim que ocorre uma negação do indivíduo que não se alinha aos padrões estabelecidos pela sociedade. Portanto, aqui, estamos adentrando na “casa das loucas”, não porque são doentes mentais, mas pelo significado que essas mulheres dão à sociedade brasileira.

Ao narrar suas primeiras impressões, Drauzio traça uma comparação com Carandiru, em relação às doenças dos detentos, dos presídios masculino com o feminino. Dessa forma, o médico relata que os problemas de saúde eram bastante diferentes das prisões masculinas. Assim, o médico afirma que:

Em vez de feridas mal cicatrizadas, sarnas, furúnculos, tuberculose, micose e as infecções respiratórias dos homens, elas se queixam de cefaleia, dores na coluna, depressão, crises de pânico, afecções ginecológicas, acne, obesidade, irregularidade menstruais, hipertensão arterial, diabetes, suspeita de gravidez (Varella, 2017, p. 13-14).

Devido a isso, Varella expressa sua profunda preocupação em relação a essas mulheres, ressaltando a ausência de um médico ou médica ginecologista. Ele reconhece que não está à altura de atender a essas necessidades, uma vez que se afastou da ginecologia desde os tempos de estudante.

Além disso, Drauzio Varella descreve a hierarquia dentro do sistema prisional, evidenciando como essa estrutura influencia as relações entre as detentas

e a dinâmica social nesse contexto. No presídio feminino em que atuou, com mais de 2 mil detentas, ele ressalta a insubordinação entre elas, contrastando com o ambiente prisional masculino, onde o desrespeito à hierarquia estabelecida entre os detentos é incomum. Ele afirma que o instinto de sobrevivência prevalece, o que cristaliza nas mulheres uma aversão à submissão aos superiores. Segundo o autor, isso ocorre em virtude dos conflitos enfrentados desde a infância, quando elas aprendem a subverter a ordem estabelecida, possibilitando a desconstrução do patriarcalismo (Varella, 2017, p. 11-25).

O médico também compara a pujança sonora dos ambientes: enquanto o masculino é silencioso, devido à ordem hierárquica, o feminino é marcado por um barulho incessante, reverberando tanto dentro quanto fora das celas. Assim como em todo ambiente prisional, a penitenciária feminina de São Paulo é habitada por mulheres que se consideram inocentes, perpetuando um discurso de injustiça em relação às suas condenações (Varella, 30-37).

Apesar de todas essas adversidades, o que mais marca a vida dessas mulheres é a solidão. Elas convivem diariamente com o sentimento de abandono. Essa é a dor mais profunda, pois, ao cruzarem os portões da prisão, elas se encontram completamente sós. O primeiro a abandoná-las é o Estado, seguido pelos amigos, pela família, que se envergonha de sua condição, e, por fim, pelos filhos que carregam no ventre, os quais são retirados de seus braços logo após o nascimento. Diferente das prisões masculinas, as visitas no ambiente feminino são extremamente raras. Os cônjuges, na maioria das vezes, são os responsáveis pelo encarceramento dessas mulheres, já que muitas cumprem pena por tráfico, tendo tentado contrabandear drogas para dentro dos presídios a pedido deles. Ironicamente, são esses mesmos homens que, primeiro, as abandonam, substituindo-as por outras mulheres.

Nesse contexto, o autor relata a história de uma mulher presa devido às ações de seu irmão mais novo, traficante de drogas, que, sem o seu conhecimento, escondia entorpecentes em seu guarda-roupa. Quando as autoridades chegaram ao local, encontraram o pacote de drogas, o que resultou na prisão de ambos. Ela cumpria sua pena em uma penitenciária na capital, enquanto ele estava

encarcerado a 280 km de distância. Diante disso, a mãe viajava os 280 km todos os finais de semana para visitar o filho, mas nunca visitava a filha, que estava presa na mesma cidade.

Na obra *Prisioneiras: Vida e Violência atrás das grades* (2002), Iara Ilgenfritz e Barbara Soares retratam o abandono vivido pelas mulheres encarceradas, tanto pelo Estado quanto por seus familiares. As autoras discutem como essas mulheres, além de estarem submetidas a condições de vida precárias no sistema prisional, enfrentam a ausência de apoio familiar, o que agrava ainda mais sua vulnerabilidade. Esse abandono é intensificado pela vergonha e estigmatização social que recaem sobre as famílias, resultando no distanciamento e na falta de visitas, especialmente quando a detenta é mãe, muitas vezes perdendo o contato com seus filhos. Conforme relatado por uma das presas, essa é a pior dor que uma mãe pode sofrer.

Conforme Varella (2017), o intenso abandono emocional favorece o estreitamento e o florescimento de relações amorosas dentro da prisão. Essa dinâmica classifica as mulheres em diferentes categorias: sapatões originais, folós, sacolas, chinelinhos, pães com ovo, badaroscas e mulheríssimas, descritas pelas próprias detentas ao autor. A partir disso, observa-se que essas trocas de afeto e carinho representam, na maioria dos casos, o único momento em que as mulheres conseguem, de alguma forma, viver sua sexualidade e mitigar a sensação de abandono.

O termo “sapatão original” refere-se à mulher que adota um estereótipo masculino e nunca teve envolvimento romântico com homens, sendo altamente valorizada dentro das prisões. Em contraste, as “folós” são mulheres heterossexuais fora do cárcere que assumem uma postura masculina no ambiente prisional. Já as “sacolas” são heterossexuais que adotam o comportamento masculino como estratégia de sobrevivência na prisão, muitas vezes com o objetivo de serem sustentadas por suas parceiras (Varella, 2017, p. 151-154). As “chinelinhos” mantêm o estereótipo masculino enquanto estão presas, mas, ao serem libertadas, “[...] calçam o chinelinho de cristal e vão em busca do príncipe encantado”. As “badaroscas” representam a categoria mais desrespeitada, sustentadas por suas

parceiras e que vestem calcinhas, envolvendo-se em todos os aspectos do ato sexual. Por fim, as “pães com ovo” são aquelas que não conseguem definir sua orientação sexual, flutuando entre homens e mulheres (Varella, 2017, p. 155).

Nas palavras das detentas:

- O badaarosca é um viado preguiçoso. Passa o dia esparramado na cama escutando música e vendo novela: benzinho pega um copo d'água, traz um biscoito, coça minhas pernas.

E ainda:

- É fuxiqueiro, galinha e interesseiro, passa a mulher pra trás e larga dela assim que arranja outra com mais dinheiro. Não tem atitude nem respeito (Varella, 2017, p. 155).

A partir dessa análise, o médico Drauzio Varella revela como as relações amorosas entre as detentas podem ser vistas tanto como uma estratégia de sobrevivência quanto como um escape do sentimento de abandono e solidão que permeia o ambiente prisional. Ele realiza um diagnóstico das nuances da homossexualidade nas penitenciárias femininas, frequentemente retratada de forma fantasiosa e superficial, sem considerar a complexidade real do comportamento sexual dessas mulheres. Em contrapartida, nos presídios masculinos, relações sexuais são severamente punidas, podendo até resultar em pena de morte, exceto no caso de travestis ou homens que já se identificavam como homossexuais antes de sua entrada na prisão.

De modo geral, em *Prisioneiras*, Drauzio Varella revela a realidade das mulheres no sistema prisional brasileiro, utilizando relatos impactantes e sua experiência como médico para retratar, com sensibilidade, as camadas e subcamadas da desigualdade social, econômica e emocional que marcam a vida dessas mulheres, tanto antes quanto durante e após o encarceramento. Com uma abordagem tocante, Varella vai além das estatísticas, humanizando as prisioneiras e demonstrando que a prisão é uma extensão das múltiplas formas de violência que já fazem parte de suas trajetórias.

Ao ler a obra, somos imediatamente levados a uma reflexão crítica sobre as falhas estruturais do sistema carcerário e a urgência de políticas públicas que não se limitem à punição, mas que também promovam a ressocialização e o

acolhimento dessas mulheres, muitas vezes esquecidas pelo Estado e, sobretudo, por suas famílias. Através de uma escrita simples, acessível e empática, Drauzio Varella nos convida a repensar o papel da sociedade e do Estado diante do encarceramento feminino, expondo o profundo impacto da marginalização dessas mulheres sobre o tecido social brasileiro.

## REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. **História da loucura na Idade Clássica**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

SOARES, Barbara M.; ILGENFRITZ, Iara. **Prisioneiras. Vida e violência atrás das grades**. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

VARELLA, Drauzio. **Prisioneiras**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.